

## A experiência do tédio na contemporaneidade

**Raquel de Oliveira Luiz<sup>1</sup>**

**Anne Caroline Lima Pereira<sup>2</sup>**

**Fernanda Sarmiento da Silva<sup>3</sup>**

**Joilson Luiz Oliveira<sup>4</sup>**

**Pedro Rodolfo Morelli<sup>5</sup>**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Assis

O tédio é um modelo de subjetivação típico da modernidade, que começou a se apresentar na sociedade em geral há dois séculos. Antes, esse fenômeno ficava restrito somente à nobreza e ao clero, sendo que, na modernidade e na contemporaneidade, ele tem amplo efeito sobre toda a sociedade ocidental. Seria pertinente aqui questionar se o tédio surge a partir de um fator histórico e cultural ou se é uma manifestação inerente à natureza humana. De acordo com a bibliografia aqui pesquisada, em certa medida, os dois aspectos podem ser levados em conta.

Conforme Outeiral (2007), podemos observar que o tédio anteriormente era considerado situacional, decorrente de algo específico a uma situação, e marginal, ou seja, específico de uma parcela da sociedade (os nobres, os monarcas, os religiosos). Essas características de ocorrência são diferentes do tédio existencial na modernidade, em que o fenômeno se apresenta como um tipo de tédio profundo, desconhecido e angustiante, que se refere à perda de significado humano diante da vida, do mundo e da realidade e que pode atingir qualquer pessoa em qualquer nível social. Esse tédio como objeto de reflexão só veio a ser considerado depois do Romantismo.

Para refletirmos melhor sobre esse assunto, uma breve retomada do surgimento do chamado “mal do século” se faz necessária. Charles Baudelaire (1821-1867), conhecido poeta francês, publicou, em 1851, um conjunto de quatro poemas sob o mesmo título: *Spleen*. “Spleen” é um vocábulo de origem inglesa, que a língua francesa incorporou no século XVIII para designar uma sensação de “tédio sem causa”. O *spleen* caracterizava sentimentos relacionados ao pessimismo, ceticismo e a um irresistível tédio. Era chamado de *mal do século* – inspiração da corrente que, no Brasil, ficou conhecida como ultrarromantismo, e que teve em Álvares de Azevedo seu primeiro grande nome.

Álvares de Azevedo escreveu da mesma forma que Charles Baudelaire, ambos adolescentes entediados com suas cidades. Esses dois *flâneurs* tinham, entretanto, queixas distintas. Álvares de Azevedo queixava-se da falta de progresso e civilização de São Paulo, enquanto Charles Baudelaire se queixava da modernização e da velocidade

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

<sup>5</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

de sua Paris. Essa comparação é relevante, por mostrar que, para o *spleen* adolescente, a realidade externa não importa tanto: o *spleen* é determinado no mundo interno.

Apesar da ênfase na adolescência dos poetas, o *spleen* romântico é maior que sua manifestação individual. É produto de uma época e de uma sociedade, resultado de uma cultura e de um mundo em transformação, em que sistemas antigos não regem mais os novos tempos e os novos tempos, por sua vez, ainda não se consolidaram. Estamos falando de um momento de transformação e de crise, em que tudo está em aberto, indefinido, como foi o *fin-du-siècle*, na passagem do século XIX para o século XX.

A contemporaneidade, por seu turno, é um momento em que uma série de paradigmas e valores são contestados, modificados ou substituídos por outros. Além disso, o tédio encontra um grande aliado nesta cultura: o capitalismo. Com esse sistema econômico e social, o nosso mundo subjetivo também sofre grandes transformações. Assim, os significados pessoais, subjetivos, o significado da natureza e de homem se materializam, coisificam-se, perdem os significados originais e ganham valor de mercadoria. Como enfatiza Spielberg, citado por Frankl (1978):

Vivemos numa época de crescente descrença nos valores e, portanto, de desespero e de impressão de que a vida carece de sentido. Nem a escola nem a educação em geral se mostram capazes de orientar as massas populares, cada dia maiores, a respeito da escala objetiva dos valores e dos não-valores. Verifica-se que se vai espalhando pelo mundo uma cegueira diante dos valores e até um certo ceticismo quanto a sua existência. Por conseguinte, a humanidade ingressou numa fase caracterizada pelo declínio dos valores. (. . .) A única teoria de valores que subsiste é o utilitarismo. (. . .) A decadência dos valores faz o mundo e a atividade dos homens parecerem insensatos e estéreis. (Spielberg, citado por Frankl, 1973)

A partir dessa grande facilidade de se desenvolver o tédio, na pós-modernidade, é possível sugerir que está havendo uma falha grave na sociedade ou na cultura como transmissores de significado. Vivemos numa sociedade que valoriza significados globais, ou seja, damos significados genéricos a elementos individuais da nossa vida. Desse modo, quando não há nada capaz de nos gerar qualquer interesse, desenvolvemos a queixa de que essa vida que construímos está intolerável e desprovida de motivações e significados. Além disso, na contemporaneidade, com a extensa quantidade de estímulos e a possibilidade de desenvolver várias atividades ao mesmo tempo, essas atividades e estímulos perdem seus significados iniciais, sendo de rápido e fácil abandono pelo sujeito, que não se dedica a entender o conteúdo de suas práticas.

Por fazer parte do nosso cotidiano ocidental, todos desenvolvem, em algum momento da vida, o tédio. Esse é um tema que envolve perda de significados pessoais, esgotamento de sentidos, desconforto diante da vida, indisposição de praticar atividades anteriormente prazerosas. Não é considerado um comportamento patológico; não é uma expressão contínua; são acontecimentos esporádicos do cotidiano. Não se pode também conceber o tédio apenas como um estado mental interior, mas uma característica do mundo, pois as práticas sociais estão carregadas de tédio. Dessa maneira, as pessoas tentam compensar o vazio que sentem, praticando o abuso de drogas, álcool, fumo, promiscuidade, vandalismo, desenvolvendo distúrbios alimentares, agressão, violência etc.

Viktor Frankl (1978) ressalta que não se vive mais, como na época de Freud, num ambiente de frustração sexual, mas de *frustração existencial*, que se manifesta

através do tédio. Para compreender o fenômeno do tédio na contemporaneidade, Lars Svendsen (1999), em seu livro *Filosofia do Tédio*, propõe pensar a questão num âmbito interdisciplinar. A tese central de seu livro versa sobre ser o tédio uma experiência fundamental e inerente à condição humana, principalmente com a modernidade. Salienta ainda que é preciso aprender a enfrentar o tédio, pensá-lo como um estado de humor profundamente humano, no qual se encontram elementos propícios à reflexão e ao entendimento da condição humana moderna.

### **Referências**

- Bourdieu, Pierre. *Sobre a Televisão* (pp. 15-54). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Kurz, R. (199). O tédio mortal da modernidade. *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!*. Acessado em 04/09/2009, do <http://www.primeiraversao.unir.br/artigo46.html>
- Outeiral, J. *Comentários sobre o tédio. O Spleen na adolescência: sentir tédio ou ser entediante*. Acessado em 04/09/2009, do [www.joseouteiral.com/textos/comentarios\\_sobre\\_o\\_tedio.DOC](http://www.joseouteiral.com/textos/comentarios_sobre_o_tedio.DOC).
- Pinheiro, K. F. Tédio na modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Acessado em 04/09/2009, do <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epp/v7n1/v7n1a14.pdf>.
- Svendsen, L. (2006). *Filosofia do Tédio*. Tradução Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.  
Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*